

Plano Preliminar das Facilidades Materiais para a Recreação em Brasília ()*

ETHEL BAUZER MEDEIROS

*"The world of tomorrow, with its increased leisure and its promise that a much higher proportion of the family budget can be allocated to various forms of recreation, presses upon us, demanding that we plan cities in which far more space is provided for leisure activities than is reserved for recreation in the cities of today". Wayne R. Williams — arquiteto. (30) (**)*

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

Para fundamentar e justificar as recomendações feitas aqui quanto às facilidades materiais para a recreação na nova capital, vamos precedê-las de uma formulação clara dos princípios e regras que serviram de base ao nosso planejamento, dos valores que o nortearam, dos objetivos buscados, enfim, da filosofia de recreação adotada. Vejamos, inicialmente, o que se entende por recreação.

1. CONCEITO DE RECREAÇÃO

Consideram-se atividades recreativas tôdas aquelas com que as pessoas (de qualquer idade) ocupam, por livre escolha e de forma salutar, as suas horas de lazer, sem ter em mira outro fim que não o prazer das próprias atividades, nas quais costumam encontrar não apenas satisfação íntima, mas oportunidade para *recriar*. O que importa não é, pois, o tipo de ocupação, porém a disposição de espírito, a atitude mental de quem a elas se entrega, achando-se por isto entre as formas mais comuns de recreação coisas tão variadas quanto desportos e leitura, filatelia e dança, excursões e canto.

(*) Trabalho feito em setembro de 1959, por solicitação do Professor ALFREDO COLOMBO, Diretor da Divisão de Educação Física do M.E.C., para atender a pedido da NOVACAP sobre dados necessários à elaboração de um plano de recreação para Brasília.

(**) Os números que figuram entre parênteses correspondem aos itens da bibliografia anexa.

2. CONTRIBUIÇÕES DA RECREAÇÃO À VIDA HUMANA

A recreação é necessidade humana básica, elemento vital para todos nós. É indispensável não só à criança, como também aos que estão na adolescência, na idade adulta e na velhice; é fundamental à vida na família, no grupo de vizinhança e na comunidade; é tão importante para as pessoas sadias quanto (se não mais ainda) para as doentes; é necessária tanto aos que vivem em famílias organizadas quanto àqueles que se acham, em asilos, orfanatos, patronatos e reformatórios, aos plenamente capazes e aos portadores de deficiências físicas ou mentais, aos que freqüentam a escola e aos que nunca puderam beneficiar-se da educação formal.

Ela dá ao homem uma oportunidade de variar de ocupação, de escapar a rotina que o trabalho comumente representa; oferece-lhe meios de aperfeiçoar sua saúde física e mental bem como seu ajustamento ao grupo social; contribui para preservar-lhe o equilíbrio emocional. Traze-lhe: alegrias, relaxamento das tensões neuromusculares, possibilidades de desenvolver sua auto-estima, meios de exprimir sua individualidade em um ambiente de prazer, satisfação na vida, solidariedade dentro da família, eficiência no próprio trabalho e, até, espírito de comunidade. Por intermédio das atividades recreativas, êle pode compensar o tédio resultante de tarefas monótonas, dar vazão às energias reprimidas durante muitas de suas atividades habituais (sedentárias ou despidas de elementos de criação) e restabelecer o equilíbrio nervoso, após longas horas de trabalho sob tensão. Sua melhor contribuição é, porém, permitir ao homem encontrar-se a si mesmo e se realizar, *auto-afirmar-se através de uma verdadeira recreação.*

Poderíamos indicar como os principais objetivos da recreação: enriquecer a vida, por meio da utilização construtiva das horas de lazer, e propiciar a expressão dos interesses humanos, por intermédio das artes plásticas, da música, da dança, da atividade dramática, dos jogos e desportos, da apreciação da natureza, das atividades sociais e daquelas referentes a todo o mundo do espírito.

3. A RECREAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Sempre presente à sociedade, como necessidade fundamental do homem, a recreação viu sua importância crescer enormemente de vulto na época atual. O desenvolvimento científico dos últimos séculos trouxe-nos alterações tão radicais e amplas, que chegou a produzir uma verdadeira revolução no "modus-vivendi" do homem. Embora de um passado muito recente, a ciência e a máquina resultaram numa aceleração da mudança social, sem precedente na história da civilização. As modificações das condições exteriores da vida humana (e, portanto, dos seus interesses) repercutiram profundamente nas tradições culturais e nas instituições sociais. Este aspecto das conseqüências sociais do desenvolvimento científico salta aos olhos de todos nós. Outro lado, porém, não tão óbvio, merece exame. Enquanto o mundo em que vivemos está sendo rapidamente transformado pela ciência (com a eletrônica, os antibióticos, os aviões a jacto etc.), nossos hábitos de pensamento e ação persistem inalterados, em apêgo obstinado às tradições e às

instituições de uma era pré-científica. "É impossível", — diz JOHN DEWEY, — "chegar a exagêro ao descrever a confusão mental e a desordem prática que resultam quando os efeitos exteriores e físicos são planejados e regulados, enquanto que as atitudes mentais, de cuja direção êles dependem, são deixadas ao acaso, à tradição e ao dogma... Apesar, pois, de todo o passado, a grande revolução científica ainda está por ocorrer. Ela terá lugar quando os homens, em conjunto e em colaboração, organizarem o seu conhecimento e aplicarem-no na consecução e na preservação dos valores sociais e quando, sistematicamente, utilizarem processos científicos no controle das relações humanas e na direção dos efeitos sociais do nosso vasto maquinismo tecnológico. Grandes, que foram, as mudanças sociais do século passado não se poderão comparar às que irão surgir, quando a nossa fé no método científico puder patentear-se em trabalhos sociais".

A industrialização trouxe-nos não somente uma diminuição do número de horas de trabalho e uma elevação do nosso padrão material de vida (pela aplicação intensiva da máquina ao cotidiano), como também um movimento inigualável de urbanização e uma subdivisão muito maior do trabalho. Se, por um lado, ela resultou em menor dispêndio de energia humana, menos cansaço físico no trabalho, a par de mais horas de lazer, acarretou, por outro, os conflitos e as dificuldades de vida inerentes às aglomerações urbanas, bem como uma enorme especialização de ocupações, acompanhada da monotonia e do fastio das tarefas repetidas em rotina. O tecelão antigo podia orgulhar-se do que criava, porque partia do simples fio e chegava a um produto final, que trazia o seu nome ou a sua marca de fabricação. O operário de hoje realiza apenas uma operação incolor nos modernos teares de uma fábrica bem equipada. Desconhece, via de regra, onde o tecido pronto vai acabar, não encontrando, provavelmente, satisfação especial em seu limitado encargo. Como não acha oportunidades para exprimir sua individualidade no terreno profissional, não pode sentir o prazer que acompanha a execução integral de uma obra. Então, é fora do trabalho que procura (e deve) obter tais satisfações, indispensáveis à sua estabilidade emocional e ao seu bem-estar físico. A mecanização dos processos de produção converteu o contentamento, antes encontrado no trabalho, em privilégio raro. Poucos de nós ainda logram experimentar o prazer de acompanhar a transformação completa da matéria-prima em um produto acabado ter lugar nas próprias mãos. A utilização crescente das máquinas promete privar ainda maior número de pessoas da alegria do trabalho criador, substituindo-o por mera atividade para ganhar o pão.

O mesmo problema aparece, ainda que sob prisma diferente, em outros campos da atividade profissional. As pessoas que trabalham sob tensão contínua ou em ritmo necessariamente acelerado (como os aviadores, os cirurgiões ou os motoristas profissionais, por exemplo) ou aquelas que se entregam a ocupações dominadas pela competição (como as industriais e comerciais) têm necessidade, para manter a saúde física e o equilíbrio psíquico, de mudar de atividade nas horas vagas, a fim de conseguir certo relaxamento muscular e nervoso, algum desfogo de inquietações, receios e angústia.

4. A QUESTÃO DO BOM APROVEITAMENTO DAS HORAS DE LAZER

O aproveitamento das horas de lazer, cujo número tende ainda a crescer, passou, então, a constituir mais uma preocupação dos governantes e, em especial, dos responsáveis pela educação pública. O conceito de recreação sofreu uma modificação radical, quando ela deixou de ser vista exclusivamente como elemento útil ao descanso (quando não coisa meramente tolerada, diversão inocente ou maneira de matar o tempo), para atingir o "statu" atual de parte integrante do processo educativo normal. Na medida em que o homem foi tomando consciência da sua necessidade básica de se recrear e na proporção em que foi dispondo de mais horas de lazer, foi-se evidenciando a importância de uma *educação para a recreação*. A sociedade convenceu-se, então, de que não bastava oferecer terreno e material para que as atividades buscadas nas horas de lazer fôsem construtivas e, de fato, recriadoras. Percebeu que era preciso formar o homem para bem utilizar o seu tempo livre, apontar-lhe claramente os benefícios de uma recreação sadia, ampliar-lhe os horizontes (mostrando-lhe as diferentes oportunidades de se divertir), oferecer orientação e liderança para as suas atividades e, notadamente, nêle estimular a *formação de hábitos* de participação ativa. A recreação transformou-se, então, em responsabilidade dos poderes públicos, em função governamental, não por consentimento dos governados mas por sua solicitação expressa.

5. LUGAR DA RECREAÇÃO NO PLANEJAMENTO DAS CIDADES

"Many new towns have become large areas of suburbia, utterly devoid of endearing characteristics. The lessons of these towns must be taken to heart — new towns and redevelopment planners must be forced to appreciate both the "intimacy" of the small "open space" and the playing fields and learn to couple these apparently conflicting ideas in residential area design. (Parks and Sports Grounds, Londres : Set., 1958.)

Eis porque a recreação passou a constituir, em nossos dias, elemento essencial do desenvolvimento das cidades, sendo agora encarada como fator de beleza, de enriquecimento da vida, de felicidade e até de maior produtividade. Tornou-se imprescindível incluir no plano-mestre das cidades uma previsão de longo alcance das áreas e facilidades materiais para a recreação, reservando-se locais onde tôdas as pessoas, *independentemente de idade, nível econômico e ocupação*, pudessem passar as suas horas de lazer, entregues a atividades prazerosas e salutares. Um plano desta natureza inclui, portanto : parques infantis que possam ser freqüentados com facilidade e segurança, todos dotados de espaço suficiente para pré-escolares e escolares darem vazão às suas energias, sem conflito ; locais onde os adolescentes encontrem possibilidades de praticar seus jogos e desportos prediletos e bem assim as atividades sociais e culturais que mais os interessam ; lugares adequados para os adultos poderem reunir-se, conversar, ler, realizar festas, realizar jogos, fazer assembléias, exposições, concertos etc.; facilidades para

a família divertir-se em grupo, realizar piqueniques, freqüentar uma piscina pública, recrear-se em bibliotecas, museus, jardins, praças e pontos de beleza panorâmica. Para tanto, é óbvio, há necessidade de terreno amplo, equipamento e material convenientes, boa manutenção e, sobretudo, *liderança adequada* — coisas que demandam um orçamento ponderável. A opinião pública deve, então, ser esclarecida, no sentido de compreender que tais coisas não são supérfluas nem constituem luxo a “ficar para depois se houver reservas”, mas representam algo tão necessário à vida da comunidade quanto as escolas, as rêdes de água e esgôto, o calçamento das ruas, o sistema de transportes públicos etc. etc. As próprias companhias particulares já mostram reconhecer tal coisa, ao inverterem avultado capital em programas de recreação para os seus empregados, tendo em vista os benefícios, assim obtidos, de melhores relações humanas, maior produção e, *sobretudo, menor “turn over” do pessoal.*

Só no ano de 1953, trinta mil companhias industriais e comerciais norte-americanas gastaram em programas recreativos a importâncias de 800 milhões de dólares.

Outro indício de que a recreação é tida como elemento fundamental à vida plena é o fato do seu aparecimento, como serviço regular, em hospitais, escolas de todos os níveis e tipos, planos de ação dos diferentes credos religiosos, requisitos básicos dos grandes conjuntos residenciais, orfanatos e asilos para a velhice, bem como instituições dedicadas à recuperação dos portadores de deficiências físicas ou mentais.

6. PRINCÍPIOS BÁSICOS AO PLANEJAMENTO DAS FACILIDADES MATERIAIS PARA A RECREAÇÃO DE UMA COMUNIDADE

O planejamento geral do sistema de recreação para uma comunidade deve visar :

- a maior utilização possível, por parte do público das áreas destinadas a recreação ;
- economia de construção e de *manutenção* ;
- facilidade de acesso, de funcionamento e de supervisão, dentro das condições fundamentais de *segurança* ;
- máximo de arte e de aproveitamento das belezas naturais.

Lembremos, ainda, os princípios fundamentais relativos às condições materiais, formulados durante a “National Facilities Conference” (16), que teve lugar em 1947, na cidade de Chicago :

- a) A comunidade moderna necessita de condições materiais para os seus programas de atletismo, recreação, educação física e educação da saúde.
- b) A distribuição, à localização e o tamanho destas comunidades estarão intimamente ligados ao aspecto global da comunidade — ao seu seu padrão geral.

c) Tais facilidades devem ser planejadas em relação às outras características físicas, sociais e econômicas da comunidade.

d) A base do plano-mestre de cada comunidade há de ser um estudo das necessidades *sentidas pela própria comunidade*.

e) Tais facilidades devem ser planejadas tendo em vista os recursos potenciais existentes.

f) As modificações são inevitáveis e não de ser levadas sempre em consideração no planejamento.

g) Educação e recreação terão programas de ação amplos, que se devem complementar e suplementar, cada qual exigindo as suas facilidades.

h) As áreas destinadas à prática de atletismo, da recreação, da educação física e da educação da saúde devem atender aos princípios de urbanismo.

i) O prédio escolar há de ser planejado tendo-se em vista a sua utilização como centro de educação e de recreação.

j) Os conhecimentos e a experiência do pessoal das escolas, parques e serviços de recreação devem ser amplamente utilizados no planejamento, no desenvolvimento, no funcionamento e na manutenção dessas facilidades.

l) As acomodações para os parques, escolas e outras áreas de recreação destinadas a servir aos grandes núcleos residenciais (públicos ou particulares) devem ser planejadas, em colaboração, pelos responsáveis por tais núcleos e pelas autoridades escolares, de recreação e dos grandes parques.

m) Tal planejamento em conjunto para o desenvolvimento das facilidades e a sua utilização exige um acôrdo prévio (sobre normas, regras e responsabilidades) entre os vários serviços interessados.

Antes de passar ao planejamento propriamente dito, convém acrescentar a tais considerações alguns dos "Princípios Fundamentais da Recreação na Comunidade", arrolados pela "National Recreation Association" dos E. U. A., a saber :

a) Os programas para o uso do lazer na comunidade devem estender-se ao ano inteiro.

b) E' responsabilidade de tãda a comunidade propiciar oportunidades de recreação a todos os cidadãos, sendo necessário, portanto, conseguir-se, o mais prontamente possível, apoio financeiro ao programa de recreação, por meio de taxaço pública, feita por algum serviço do *governo local*.

c) Cada nova escola construída deve ter um mínimo de espaço à sua volta, para o recreio das crianças.

d) Quase todos os novos prédios escolares terão que contar com um auditório, de preferência no pavimento térreo, construído de maneira a também poder ser utilizado pela comunidade.

e) Se não existir, nas escolas ou em outros lugares, um local adequado para a reunião dos grupos da comunidade, a própria comunidade deve providenciar um prédio para tal fim.

f) Tãda criança de menos de dez anos, que viva numa cidade, há de ter a possibilidade de brincar num parque de recreação infantil, sem precisar afastar-se mais de 400 m da sua casa.

g) Toda comunidade deve oferecer espaço suficiente para os rapazes dedicarem-se a desportos como o futebol, por exemplo.

h) Em toda comunidade não de existir facilidades apra a prática da natação.

i) Toda criança deve encontrar oportunidade, quer em sua casa quer em terreno oferecido pela municipalidade, de ter um jardimzinho, onde possa observar o crescimento de plantas suas.

j) Em cada nova zona urbanizada, deve-se separar, para fins de recreação, uma percentagem razoável da área total (da mesma forma por que se destina parte do terreno para a construção das ruas).

7. FASES DO PLANEJAMENTO-GERAL

Das fases seguintes, do trabalho de planejamento de um sistema de recreação para uma cidade :

- adoção de padrões e normas ;
- levantamento das condições existentes (análise da comunidade, dos fatores sócio-econômicos que afetam as suas atividades recreativas e estudo das condições topográficas) ;
- avaliação da situação e fixação de um plano ;
- desenvolvimento de um plano de ação (que compreenda a previsão de programas, o estudo do financiamento de tais programas e da sua direção, bem como da propaganda e das relações públicas necessárias ao seu bom êxito),

cuidaremos tão-sòmente da primeira, isto é, dos aspectos mais amplos do planejamento físico das áreas para a recreação, dos padrões e normas recomendáveis para tais áreas.

Quanto à segunda, queremos apenas ressaltar a importância de um estudo cuidadoso das comunidades envolvidas, para a obtenção de estimativa sobre o crescimento populacional, de dados sobre a distribuição de idades sobre vários conjuntos de vizinhança, (bem como sobre o nível sócio-econômico nas diferentes zonas e sobre os hábitos de recreação de tais pessoas). É claro que as necessidades de recreação de uma cidade estão intimamente ligadas : ao índice de crescimento da sua população ; à densidade da população nas diferentes zonas (ou seja, à razão entre determinado número de pessoas e a proporção da área total em que vivem) ; à composição da população de acordo com os vários grupos de idade ; e às condições locais de topografia e clima. Será indispensável, também, proceder-se a um "survey" das necessidades de recreação sentidas pela comunidade e bem assim da tendência geral das atividades procuradas pelos diferentes grupos, nas suas horas de lazer. O nível de educação, as condições de saúde e as várias outras características sociais e econômicas da população terão ainda de ser levadas em conta, no estudo dos conjuntos de vizinhança.

No que diz respeito às fases restantes, não nos parece demais salientar o fato de que sòmente uma orientação segura, feita por pessoal capaz e espe-

cializado em recreação, poderá permitir o bom aproveitamento das facilidades materiais a ela destinadas. Para que o sistema de recreação pública possa trazer benefícios reais à comunidade, é imprescindível o trabalho sistemático e coordenado de recreadores com a devida formação profissional, em lugar do pessoal improvisado em alguns meses que costuma atuar como simples "fiscal de brincadeiras".

8. ÁREAS PARA A RECREAÇÃO PÚBLICA

Porque existe um reconhecimento tácito de que a recreação é uma necessidade humana básica, a lei, a prática e a opinião pública defendem a idéia de que é uma função essencial dos poderes públicos providenciar praças, jardins, parques, museus e outros locais para o recreio dos cidadãos. Mas só raramente tem-se o ensejo de escolher cedo os melhores lugares para tais centros de recreação, sendo o comum lotear-se a terra, construir-se as casas e permitir-se a sua ocupação, antes que surja a consciência real da necessidade de espaço público para as atividades recreativas. A essa altura, porém, o terreno já está retalhado, parcialmente vendido e edificado, subiu muito de custo, achando-se então bem reduzidas as possibilidades de um bom aproveitamento das áreas mais propícias (por sua proximidade em relação às escolas e aos grupos de vizinhança, por sua beleza e por seus acidentes naturais).

Como foi salientado pela comissão de urbanismo do "National Resources Committee", o problema mais evidente na recreação urbana decorre, em algumas cidades, da ausência de espaço suficiente para a recreação; em inúmeras outras cidades, ele é ainda agravado pela má distribuição (e conseqüente ineficiência) das áreas recreacionais existentes. Não haverá real proveito em se plantarem aqui e ali pequenos conjuntos de balanços, gangorras e escorregas, de côres vivas, mas feitos, geralmente, de material pouco resistente ao uso intensivo que vão sofrer nem, por outro lado, vantagem em concentrar todos os recursos na criação de um único "play-ground", embora modelar. O importante é o *planejamento geral*, é uma previsão que abranja tôdas as zonas a que se pretende servir, tendo em vista uma *distribuição racional das facilidades* (as quais serão inteiramente diferentes numa zona de apartamentos espaçosos e noutra fabril, por exemplo) as dimensões e a forma das áreas disponíveis, a topografia das mesmas, bem como as redondezas em que elas se encontram (a densidade de população da zona em que estão, as escolas próximas, as facilidades de comércio, as vias de acesso e a intensidade do trânsito). E, nesse planejamento, nada pode substituir a previsão de *espaço*, de áreas de tamanho adequado, bem situadas em relação aos grupos de vizinhança e às vias de acesso. A eficiência de qualquer dessas áreas vai depender da sua relação com as demais facilidades de recreio, pois, evidentemente, a utilização de cada local afetará a dos demais. O planejamento de cada área em separado resulta, quase que sempre, na escolha de locais muito afastados entre si, demasiadamente próximos ou, ainda, não relacionados às facilidades escolares da comunidade. Para se lograr a melhor utilização de cada área, tôdas elas serão planejadas como parte de um *sistema*

unificado, que atenderá à cidade inteira. Este planejamento global irá evitar a superposição de serviços, assegurar a aplicação de padrões iguais de acessibilidade (de acordo com a densidade da população) e patentear as oportunidades de relacionar as facilidades de recreação não só entre si mas com os outros serviços locais. Desta maneira, poder-se-á conseguir uma distribuição equitativa dos recursos, u'a maior cooperação entre os vários grupos de vizinhança e uma coordenação dos esforços de tôdas as pessoas implicadas na direção dos programas.

Os centros de recreação de cada conjunto de vizinhança devem ter uma localização central, sendo necessariamente afastados das ruas de tráfego mais intenso, das estradas de ferro ou de outras fontes potenciais de perigo. Os grandes parques estarão em zona servida por transportes públicos, para garantir-lhes uma alta freqüência. Suas áreas de serviço hão de ser limitadas, o mais possível, por obstáculos naturais (lagos, canais, rios ou morros) ou por barreiras artificiais, como estradas de rodagem ou de ferro.

Os primeiros fundos hão de ser empregados na aquisição do terreno e no preparo, antes que a valorização o torne de custo proibitivo, deixando-se para segundo lugar a compra do equipamento e as edificações. Queremos citar, a propósito, nossa experiência pessoal num dos maiores e mais bem aparelhados parques infantis do Rio, o qual, não obstante, mostrava-se alagado e impraticável durante dias, após uma chuva forte, tendo ainda a desvantagem de afastar as crianças de tôda uma de suas áreas, por estar ela constantemente exposta a vento forte. Havendo espaço suficiente e boa liderança, a própria comunidade encarregar-se-á (com benefícios reais para ela) das benfeitorias necessárias, reconhecidas como de utilidade por todos. Vale a pena recordar aqui os exemplos dos "adventure playgrounds", que vêm florescendo na Suécia, Dinamarca, Suíça, Inglaterra e E.U.A., como se verá adiante, em mais detalhe.

8. O PROBLEMA DOS PADRÕES DE ESPAÇO

Indicaremos aqui os padrões de espaço comumente recomendados para os diferentes tipos de áreas de recreação, com a devida ressalva de que precisam ser tomados como simples pontos de referência, quando se estudar a maneira de melhor atender às condições locais, em cada caso. Salientamos, ainda, que as áreas de recreação, além de eficientes precisam ser atraentes, porque o público exige não apenas uma solução adequada dos problemas de espaço, de circulação e de construção, mas, ainda *beleza*.

A fixação de padrões especiais implica um grau considerável de acordo entre os especialistas, quanto às necessidades e aos interesses de recreação das pessoas, bem como ao espaço e às outras condições materiais necessárias para atendê-las. E' preciso, pois, *relacionar sempre tais exigências teóricas de espaço ao tipo de população da cidade*. Feitas estas advertências iniciais, apontemos o padrão geral mais comumente aceito :

4000 m² (ou, mais precisamente, 4047 m²) para cada centena de habitantes.

Ele representa apenas um índice da adequação do espaço oferecido, havendo necessidade, ainda, de cuidar que tais áreas sejam bem *distribuídas pela cidade* e ofereçam possibilidade para *tipos diferentes de recreação*. Além disto, certas áreas com feições características (como aquelas de topografia muito variada, campo aberto, região florestal ou zona de rio) não se podem submeter a fórmulas específicas de espaço. Acrescente-se a tais circunstâncias a necessidade de se levar em conta a tendência de crescimento da população e as *seguintes considerações*, que irão influir nas *exigências futuras* de espaço dos parques e das áreas de recreação :

a) As próprias condições, em mudança rápida, das cidades (menos horas de trabalho para os seus habitantes e, portanto, mais lazer, ascensão do padrão de vida, proliferação da recreação comercializada, desaparecimento progressivo dos espaços abertos, tráfego intenso etc.) evidenciam a urgência da aquisição de mais terras para os parques e para a recreação municipal, em benefício da população urbana. (Dai a necessidade de padrões especiais mais elevados para tais áreas e de maior número de oportunidades de recreação de fácil acesso.)

b) A competição crescente em torno do espaço disponível, o custo ascensional do terreno e da construção forçada uma cooperação maior entre as várias organizações na aquisição, no aproveitamento, no funcionamento e na utilização das áreas de recreação. (Com esta cooperação será possível atingir-se padrões mais altos e facilidades mais diversificadas.)

c) As áreas que orlam as grandes cidades devem merecer maior consideração, pois nelas está se processando grande crescimento de população. (Donde a necessidade da criação de amplos cinturões verdes, à volta dos grandes centros urbanos.)

d) A multiplicação e o aperfeiçoamento das estradas de rodagem, os fim-de-semana" mais longos e o crescente interesse público pelas tividades ao ar livre tendem a resultar na solicitação de parques maiores.

Por êstes motivos, é imprescindível uma reavaliação periódica (feita de cinco em cinco anos, pelo menos) das facilidades e necessidades de recreação, bem como das respectivas tendências e planos de longo alcance. A tarefa do planejador há de ser vista, então, como trabalho que nunca se pode dar por encerrado, como processo contínuo de criação.

8b. TIPOS DE ÁREAS MAIS IMPORTANTES PARA A RECREAÇÃO

Consideram-se habitualmente como de maior importância os seguintes tipos de áreas :

Para a recreação ao ar livre

I — O "lote de recreio" ("playlot") — É uma área reduzida, destinada às brincadeiras dos pequeninos. Serve de complemento ao lar, oferecendo a tais crianças experiências que, em geral, não lhes são possíveis em casa. Assume importância especial nas zonas residenciais muito populosas, devendo ficar a pequena distância, a pé, da maioria das casas a que atende e ser de

fácil acesso para mães e filhos. Quando não fizer parte de um centro maior de recreação (um parque, por exemplo), será supervisionado pelos próprios pais ou por outros voluntários. O "Guide for Planning Facilities" (16) recomenda uma área de 930 m² para cada lote, enquanto que Butler (3) sugere um mínimo de 460 m² e uma média de 930 m².

Seu equipamento costuma incluir caixas de areia, trepa-trepa, mesas e bancos, escadas, escorrega, bebedouros e tanque de água. Contará com um espaço livre, suficiente para que as crianças andem bem nos seus veículos (velocípedes, rema-remas etc.), dotado de um abrigo para os dias de mau tempo ou de calor excessivo, além de árvores para efeito de sombra e embelezamento e cêrca viva ou grade, para proteção. O número total de lotes de recreio será proporcional ao tamanho da comunidade e ao grupo de pré-escolares nela encontrado.

II -- O "parque de recreação" ("playground") — É uma área bem maior, especialmente planejada para as crianças de cinco a quatorze anos bem como para grupos de família, embora, via de regra, inclua um recanto para o uso exclusivo dos pequeninos, particularmente no caso de não haver na proximidade "lotes de recreio". Êste setor há de ser bem separado dos demais, por meio de vegetação adequada ou de uma cêrca.

Recomenda-se localizar parques assim à distância de 400 a 800 m de cada família, segundo as condições de cada conjunto de vizinhança. Sempre que possível, êles situar-se-ão perto das escolas primárias ou serão a elas anexos. Sua área deverá variar de 12.140 m² (para um grupo de vizinhança que conte com 2.000 pessoas) a 24.280 m² (para 5.000 almas). As necessidades totais do espaço devotado a "playgrounds" em uma cidade são estimadas em 4.000 m² para cada 800 pessoas da sua população atual. Êstes padrões são amplamente adotados, embora nos últimos três anos venha surgindo um tendência a reunir em áreas bem mais amplas a escola, o parque de recreação e a praça. Assim, por exemplo, o seminário sobre facilidades para a recreação, patrocinado pelo "Athletic Institute" de Chicago, em 1956, propôs uma combinação do centro de recreação com o parque de recreação, numa área igual ou superior a 60.700 m². Para a escola-parque (na qual está incluída uma escola-classe elementar) foi proposta uma área semelhante, recomendando-se para ambas um raio de ação de 400 m a 800 m de cada casa.

O "California Committee on Planning for Recreation, Park Areas and Facilities" recomendou, em 1956, um centro de recreação para cada conjunto de vizinhança, sob a forma de um "recreation park", ou seja um parque combinado com uma escola elementar. Propuseram-se, então, padrões de espaço para os vários conjuntos de vizinhança, tendo-se em vista seu tipo, seu tamanho e sua densidade populacional. Recomendaram-se áreas de 64.750 m² a 80.940 m² para grupos de vizinhança de 2.000 a 4.500 pessoas, variando o raio de ação de um parque assim de 200 a 600 m de cada casa.

Citamos estas propostas, mais recentes, com o intuito de evidenciar as modificações que estão ocorrendo no conceito primitivo de "parque de

recreação” e de “parque de vizinhança”. Nelas se reconhece : a praticabilidade de se combinar as funções do parque, do “playground” e da escola em um único ambiente ; a necessidade de um planejamento, em cooperação, por parte das autoridades escolares e municipais na aquisição e no aproveitamento das áreas que irão servir à recreação de ambas ; a importância da obtenção de propriedades maiores que as exigidas pelos padrões anteriores ; o interesse em reduzir o raio de serviço das áreas de vizinhança. Esclareça-se que tais propostas levaram em conta os padrões especiais aconselhados pelo “National Council on School House Construction” para a escola elementar, a saber, “uma área mínima de 20.200 m² para a escola, acrescida de 4.000 m² para cada cem alunos de matrícula efetiva”.

Segundo os padrões tradicionais, ainda prevalentes, o *parque de recreação anexo à escola deve incluir* : um *recanto para os pequeninos*, com aparelhos de proporção e peso adequados ao grupo, bem como áreas livres para as brincadeiras e bancos para os acompanhantes das crianças ; uma *área mais ampla*, com aparelhos, para as *crianças maiores*, contendo escorrega, balanços, barrac e escadas horizontais, além de trepa-trepa ; uma *área pavimentada* para os jogos organizados e outras atividades lúdicas ; um *espaço aberto* para as brincadeiras livres (uma área nivelada para os jogos infantis de pequena organização e para as atividades livres) ; um *campo* para os *grandes jogos* (uma área ampla, nivelada, para jogos como o futebol e as atividades dos grandes grupos, podendo ainda servir para desfiles, cerimônias festivas etc.) ; um *canto* para as *atividades mais sossegadas* (ouvir histórias, fazer dramatizações, realizar trabalhos manuais e jogos de salão), que deve ficar bem separado das zonas de brincadeiras ativas ; um *tanque* para brincadeiras com água, que pode ser tanto de vadiar como simples “spray pool” (de manutenção mais fácil e lugar de grande atração no verão) ; o *recanto das pessoas idosas*, com mesas e bancos para dar maior comodidade ; um *pavilhão* contendo : banheiros, lugar para a guarda do material e, se possível, um salão de recreio ; *jardim* e *áreas arborizadas* para embelezar a paisagem.

III — O “campo de recreação” (“Playfield”) — É o centro principal das atividades ao ar livre de adolescentes e adultos, embora inclua, em geral, um “parque de recreação” para crianças, (como o delineado no item anterior), e sirva a muitos outros grupos. Via de regra, situa-se em local servido por transportes públicos.

Segundo a “National Recreation Association”, deve ocupar uma área de 40.470 m² a 80.940 m², ao passo que o “Guide for Planning Facilities” (16) aconselha os seguintes padrões de espaço, denominando tal conjunto de “Community Park-School”, por ser anexo a uma escola de nível médio : anexo ao 1º ciclo — ginásio, 101.170 m²; ou anexo ao 2º ciclo — colégio, 161.880 m².

Habitualmente o campo de recreação compreende : um *recanto para os pequeninos* ; um “playground” ; uma *pista de atletismo* ; *campos separados de desportos* para moças e rapazes ; *quadras* de tênis e vôleibol ; *áreas gramadas* para atividades variadas ; *piscina* ; *prédio* para recreação em

ambiente fechado. Nesse prédio encontram-se salas para artes e trabalhos manuais, biblioteca, ginásio e auditório, bem como saletas para reuniões, sedes de clubes etc.

Em muitos destes campos de recreação existem, ainda: *áreas para piqueniques* (com mesas, bancos e lugar para cozinhar); *concha acústica e teatro ao ar livre*; *zonas arborizadas* para maior beleza paisagística. É comum disporem, também, de local para a realização de campeonatos interestaduais.

IV — *As praças, os parques e os jardins* ("park") — No rol das facilidades materiais para a recreação, incluem-se comumente dois tipos de parques: o "*parque de vizinhança*", com suas árvores, moitas e alamedas; e o "*grande parque*", com 400.000 m² ou mais de área; em sua maior parte conservada no estado natural, servindo habitualmente a toda uma comunidade ou a parte de uma grande cidade. O primeiro costuma ser de um tipo mais formalista e, embora contenha por vezes repuxos e tanques, pouco costuma oferecer à chamada recreação ativa. O segundo possui, em geral, áreas para jogos, locais para piqueniques e bem assim facilidades para acampamento. Ainda conta, às vezes, com um *jardim zoológico* ou um *viveiro de pássaros*, um *arboreto* ou, então, um *jardim botânico*. Segundo a "National Facilities Conference" (16), é aconselhável um parque do segundo tipo para cada 50.000 pessoas.

V — *Zonas de preservação da natureza* — São áreas que oferecem um contraste flagrante com o ambiente urbano circunjacente, abrangendo, via de regra, uma zona de 2.023.500 m² ou mais. Compreendem, além de estradas de rodagem, caminhos e atalhos para excursões a pé ou a cavalo. Quando possuem piscina, estádios, locais para acampamentos e outras facilidades especiais para a recreação, tais comodidades são, com freqüência, colocadas em áreas bem separadas, a fim de não perturbarem o ambiente natural.

VI — *Praias e piscinas* — Sempre que possível, recomenda-se a construção de *balneários* perto das praias (desde que não interfiram com elas nem lhes prejudiquem a beleza natural). Aconselha-se, ainda, a *preparação das áreas* que lhes são adjacentes para servirem a piqueniques ou a outras formas de atividade recreativa.

Não havendo no local tais condições naturais, pede-se a construção de *piscinas*, dotadas de acomodações para mudança de roupa e banhos de chuveiro. Cite-se, a propósito, a experiência norte-americana, que evidenciou a importância de se multiplicar o número de piscinas públicas, *de construção barata, destinadas a "banhistas apenas"*, ou seja, à maioria dos seus freqüentadores. Segundo foi apurado, o número de pessoas que procuram a piscina tão-somente para "tomar banho" é muito superior ao dos que visam nadar, sendo ainda mais reduzido o dos que pretendem divertir-se nos tranpolins.

VII — *Locais para acampamentos* — Trata-se de zonas que oferecem contraste com as condições de vida em que os habitantes da cidade normalmente se vêem. Distinguem-se aqui dois tipos de local: o destinado a

acampamento diurno (cujos ocupantes voltam para casa ao fim do dia, não necessitando, pois, de previsões para pousada e, até, para cozinha, porque podem levar diariamente um farnel); o previsto para períodos mais longos de tempo, para os "*acampamentos de pernoite*" (que devem contar com acomodações para dormir e preparar alimentos). Os primeiros hão de situar-se a uma distância conveniente da cidade, para que seja possível a sua fácil utilização. Os outros poderão ficar mais afastados da comunidade, sendo até desejável conseguir-se um certo isolamento. Ambos disporão de facilidades para uma ampla variedade de atividades: rio ou lago (natural ou artificial) para pescar, remar e passear de barco, campos de jogos, zonas de muita vegetação para excursões e observação da natureza, bem como instalações sanitárias e fontes de água potável.

VIII — O *teatro ao ar livre* e o *estádio*, de preferência construídos em separado, embora em muitas comunidades êles tenham sido combinados num único local, por medida de economia.

O *estádio* é necessário às grandes atividades desportivas, devendo conter campos de jogos, pista de atletismo, instalações sanitárias, sala de guardados, acomodações para os espectadores, lugar para o estacionamento dos carros, prevendo-se ainda iluminação adequada para as atividades noturnas.

Nos estádios mais novos têm sido construídos conjuntos separados de arquibancadas, a fim de tornar possível a realização simultânea de atividades diferentes. Nas grandes cidades, a construção de um estádio municipal, localizado em ponto central, com local amplo para a guarda de carros, está se tornando uma necessidade.

O *teatro ao ar livre*, que desde a antiguidade desempenha papel de importância na recreação pública, situar-se-á, sempre que possível, em ambiente intimamente ligado à natureza, aproveitando-se um declive natural do terreno para sentar os espectadores, como o "Red Rocks Theatre", em Denver.

Além do palco, contará com acomodações para os artistas e lugar adequado para a guarda de cenários e vestimentas. A primeira preocupação, porém, será, evidentemente, a de encontrar boas propriedades acústicas e iluminação adequada para os espetáculos noturnos (concertos, representações teatrais e cerimônias cívicas).

IX — Nas outras áreas, planejadas para a recreação pública na Europa e na América do Norte, incluem-se, com freqüência, riques de patinação e campos de golfe. Lembremos ainda a importância dos "parkways", estradas de rodagem orladas de *parques de recreio, jardins, museus, locais para piqueniques, mirantes* etc.

Para a recreação em ambiente fechado

Mesmo nas regiões em que as condições de clima são propícias a atividades freqüentes ao ar livre, deve haver acomodações para a recreação em ambiente fechado. Apresentaremos aqui os tipos mais comuns de tais acomodações, que poderão existir isoladamente ou ser englobadas numa só edificação — o chamado "centro de recreação da comunidade."

O *centro de recreação*. É uma edificação que serve a muitos objetivos, achando-se comumente localizada dentro de um *campo de recreio*, como já apontamos. Inclui várias acomodações, como as que se seguem:

Ginásio — com amplo local para jogos de quadra, atividades variadas, bem como escaninhos, instalações sanitárias e lugar para os espectadores. Se tiver cadeiras soltas, de abrir e fechar, poderá haver maior aproveitamento do espaço para outras atividades recreativas (como bailes, por exemplo).

Auditório — ou salão para assembléias, servindo a reuniões, produções teatrais e demais atividades que exijam placo elevado em sala espaçosa. Dispõe de local para a guarda do material, sendo comum ter cadeiras soltas para a maior flexibilidade da sua utilização. É importante assegurar boa acústica, iluminação adequada e distribuição eficiente das portas de entrada e saída, tendo em vista a boa circulação do público.

Sala de música — (se possível com discoteca). (*)

Sala para artes e trabalhos manuais.

Sala para sedes de clubes e reuniões de pequenos grupos.

Salão para jogos ativos de mesa (como o pingue-pongue, por exemplo).

Local para jogos tranquilos de mesa (xadrez, damas etc.).

Biblioteca (*) e sala de leitura.

Pequenos museus (de vários tipos). (*)

Piscina interna.

Acomodações para os recreadores, instalações sanitárias, almoxarifado, armários, sala de primeiros socorros, sala de repouso e pequena cozinha.

9. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SÔBRE O EQUIPAMENTO DOS PARQUES INFANTIS DE RECREAÇÃO

"Gangorras ou gramados não fazem um parque de recreação. Embora andar horas a fio numa gangorra seja coisa mais saudável, não é menos insípida do que ficar junto a um caça-níques; num salão de jogo"... "Um trepa-trepa tem mais valor do que um carrossel; um material variado, para construção, possui mais importância do que mesas de tênis. Mas não iremos banir, é claro, as mesas de tênis e as gangorras. Só queremos recomendar o reconhecimento dos valores criadores na recreação. O objetivo não será divertir, mas inspirar para ações criadoras e originais". ("Pro Juventude" — Suíça).

Ao selecionar os aparelhos para os parques de recreação, é preciso levar-se em conta as seguintes exigências: segurança; a contribuição que podem prestar ao *desenvolvimento total* da criança; sua adequação ao grupo

(*) Evidentemente, o programa municipal de recreação manterá equipes volantes desses serviços, para percorrer os vários centros de recreação.

de idade que os vai utilizar; sua resistência a um uso intenso e à exposição ao tempo; seu custo; sua facilidade de instalação, substituição e reparo; e a economia da sua manutenção.

Sem pretender descer a pormenores sobre os aparelhos recomendáveis para os parques infantis de recreação, que escapariam ao âmbito deste trabalho, mas tendo em vista, apenas, que o principal objetivo de tais organizações é funcionar para as crianças, queremos citar algumas experiências bem sucedidas, com material simples (se não improvisado), em parques europeus e norte-americanos.

A tendência atualmente encontrada nos parques de recreação é a de complementar (quando não substituir) os aparelhos tradicionais, como gangorras, balanços, ou escorregas, por equipamento de forma, digamos assim, menos cristalizada, por aparelhos de utilização mais flexível, por material que favoreça atividades realmente recriadoras. Esta mesma idéia vem dominando, aliás, os passatempos dos adultos (os "hobbies") com a expansão crescente do movimento do "do-it-yourself", em que o *principal não é o resultado obtido, mas a participação ativa das pessoas*. Em lugar de se dar valor apenas ao produto final, procura-se mobilizar as capacidades humanas e concentrá-las no próprio *processo de fazer* as coisas, o que constitui, sem dúvida, objetivo essencial no desenvolvimento de uma personalidade criadora.

Apontamos, como exemplo típico disto, o "*Robinson Playground*" (nome tirado do engenhoso Robinson Crusoe) de Wipkingen, em Zurich, por sua vez inspirado nos "*Skrammelpädser*" da Dinamarca e da Suécia. Nêles encontramos: um recanto para os pequeninos, com balanços, argolas, barras, caixas de areia, trepa-trepa, gangorras, um encantador tanque d'água (construído com seções transversais de grossos canos, colocados em alturas diferentes, de modo a constituírem bacias ligadas por água corrente, a fazer uma cascatinha), a aldeia das crianças (contendo três pequenas casas mobiliadas e uma loja com balcões cheios de latas vazias de mantimentos), um trem feito de manilhas justapostas, de pouco mais de 1,00 m, tôdas perfuradas lateralmente a intervalos regulares, para fingir janelas e assegurar boa supervisão, uma área calçada para brincadeiras de bola de gude, "amarelinha", "cinco marias", patinação etc., na qual existe, ainda, um pavilhão para os dias de chuva e as brincadeiras de casa; um teatrinho simples ao ar livre, para as dramatizações e as festas das crianças, perto do qual vê-se um bonde velho, doado ao parque (onde as crianças divertem-se a grande), um prédio para a recreação social (com sala de leitura, biblioteca infantil, uma sala para artes manuais); um campo para jogos, constituído por uma área grande, arborizada; e, por fim, *uma área para as atividades de construção — onde as próprias crianças erguem suas cabanas, tôrres, lojas, utilizando o terreno como bem o queiram*. Neste último setor, encontram-se tábuas, canos, bancos de carpinteiro, arame, ferramentas, enfim, o material mais diversificado possível para as aventuras infantis. Além disto, há no parque inúmeras paredes especialmente preparadas, onde os freqüentadores podem fazer desenhos a lápis, esponja e giz. Nêles existem, outrossim, bancos para os acompanhantes das crianças.

Os setenta aprques de *Stockholm* são atendidos por recreadores formados em curso de longa duração, cujos salários situam-se no mesmo nível que o dos professores de classe. Em todos os parques, há uma separação nítida entre as áreas para as crianças maiores e as menores, sendo que, em vários dêles, encontram-se aldeias de brinquedo, com as suas casinhas mobiliadas, as quais devem ser reservadas (por um dia) pelas crianças interessadas, com a devida antecedência. Três dêesses parques pertencem ao grupo dos chamados "adventure playgrounds", em que é possível fazer toda sorte de construções e esculturas, com o material que lá se encontra. Nos jardins, comumente existentes nesses parques, as crianças encontram ainda oportunidade de cultivar a terra, podendo levar para casa as flôres que ali nascem, graças aos seus cuidados.

A *Dinamarca*, que como a Suécia, já conta com uma experiência de meio século em parques, orgulha-se de ter originado tais "parques de aventuras" — os "Skrammelpådsler", criados há mais de quinze anos sob a inspiração de Sorenson. Em *Kopenhagen*, existem mais de cento e trinta "playgrounds", onde, além dos aparelhos tradicionais (balanços, trepa-trepa, gangoras), há caixas de areia, tanques para brincadeiras com água, tábuas, caixotes e material variado para construção, bem como áreas destinadas ao embelezamento da paisagem.

Em *Emdrup*, por exemplo, funciona um parque de aventuras em que não há gastos com o material utilizado pelas crianças pois êle é todo doado (tábuas, batricas, pregos, ferramentas, sementes etc.). Muito comumente vêem-se nesses parques barcos imprestáveis — os quais, não obstante, representam elemento de grande atração para as crianças — e esculturas feitas pelos próprios freqüentadores. No mais antigo dêles, existe, a par de uma oficina construída pelas crianças e onde elas executam trabalhos manuais, um automóvel velho, em que todos os mistérios de um motor de explosão podem ser sondados por mãozinha ávidas.

De grande beleza e motivo de atração para as crianças são, ainda, aquêles troncos desganhados de uma enorme árvore morta, que se deitou num dêesses parques, a formar um trepa-trepa original.

Na *Inglaterra*, funcionam alguns "adventure playgrounds", em *Londres* e em *Sussex*, onde as crianças constroem suas cabanas e "cavernas", cavam e fazem demolições, brincam numa caixa de areia que elas mesmas planejaram e executaram, escondem-se numa casinha que pintaram, cozinham ao ar livre, "viajam" em escaleres velhos e, diáriamente, lavam e arrumam as suas cabanas, tudo sob a orientação de recreadores especializados.

Em *Hansa-Viertel*, *Berlim*, encontra-se equipamento atraente e leve, inteiramente construído com tubos metálicos de pequeno calibre, como um "túnel" e uma "gaiola" de desenho original.

Nos *E.U.A.*, cuja "National Recreation Association" conta com mais de cinquenta anos de serviço eficiente, funcionam 18.000 "playgrounds", dentre os quais queremos destacar alguns em *Philadelphia*, *Oakland*, *Berkeley* e *Baton Rouge*, nos quais podemos ver o novo "Sculptural playground equipment", inspirado de início nas esculturas do sueco *Egon*

Möller. Existem no país aproximadamente 7.000 profissionais, que dão tempo integral à recreação (não só nos parques, mas também nos hospitais, fábricas etc.), sendo que só no ano letivo de 1956-57, formaram-se 554 recreadores em sessenta e duas escolas de nível superior, como prova irrefutável do prestígio de que goza a profissão.

Para finalizar, citemos alguns exemplos de equipamento fartamente encontrado em tais parques: um trem feito de manilhas e madeira; um trepa-trepa todo de cordas; balanços improvisados com pneumáticos velhos; aviões, automóveis, vagões de trem e caminhões imprestáveis; um "labirinto" aberto ("dodger" ou "maze"), que propicia inúmeras brincadeiras de correr, trepar e equilibrar-se. Nos chamados "junkplaygrounds", que correspondem aos parques de aventuras, encontra-se material de toda sorte, para construção: caixotes, grandes cubos, tábuas, blocos ociosos de madeira, painéis de avião cheios de mostradores, botões, biombos feitos de pranchas para separar as diferentes áreas etc., etc.

Passemos agora, ao

PLANO PRELIMINAR DAS FACILIDADES DE RECREAÇÃO PÚBLICAS PARA BRASÍLIA

À guisa de primeira sugestão, a ser revista após o completamento dos estudos indicados no item 7 e o exame dos urbanistas, propomos as seguintes facilidades materiais para a recreação em Brasília, tendo em vista o plano geral da cidade, de acordo com o especificado no item 8b (I e II), e levando em conta o plano do sistema escolar apresentado pelo I.N.E.P.:

1. *Dois lotes de recreio* para cada quadra, que abrigará de 2.500 a 3.500 habitantes. Uma destas áreas há de localizar-se junto ao jardim de infância, embora não deva ficar sob a sua responsabilidade. (Os pais ou outros voluntários cuidarão das crianças que aí brincarem, valendo-se apenas das instalações sanitárias do jardim de infância, convenientemente dispostas para atender a este duplo serviço.)

2. *Um parque de recreação* para cada quatro quadras, onde se situará a escola-parque.

3. *Um campo de recreação* junto a cada escola média, como parte integrante do Centro de Educação Média, que atenderá a cada conjunto populacional de 45.000 habitantes.

4. *Um campo de recreação*, com maior desenvolvimento das facilidades para as práticas desportivas, junto à futura universidade.

5. *Um estádio municipal*, em ponto central da cidade, provido de amplo local para o estacionamento de carros.

6. *Um teatro ao ar livre* com concha acústica.

7. *Parques de vizinhança* (nos quais incluir-se-ão praças e jardins) e um *grande parque* (com locais para piqueniques, atividades aquáticas e

jogos), tudo a ser distribuído de acôrdo com a topografia do local, as belezas naturais a aproveitar, bem como a densidade e o *tipo* de população das várias zonas da cidade.

8. *Locais para acampamentos* (pelo menos dois, sendo um diurno e outro de pernoite), *piscinas públicas, colônias de férias e zonas de conservação da natureza* (em especial de reservas florestais).

9. Facilidades especiais para a recreação nos conjuntos residenciais, internatos, hospitais e fábricas.

* * *

BIBLIOGRAFIA

1. DUELL, Bradley. "Community Planning for Human Services". — New York: Columbia Univ. Press, 1952.
2. BUTLER, George D. "Recreation Areas — their Design and Equipment. Playgrounds". New York: Barnes, 1947.
3. BUTLER, George D. "Introduction to Community Recreation". (Ed. rev.) New York: McGraw — Hill, 1949.
4. "Community Recreation Comes of Age". Washington, D. C.: Federal Security Agency, 1944.
5. ERIKSON, Erik Homburger. "Childhood and Society". New York: W. W. Norton, 1950.
6. GIEDION, Siegfried. "Mechanization Takes Command". London: Oxford Univ. Press, 1948.
7. GLOSS, G. M. "Recreational Research". Baton Rouge, La: Ortlieb Printing Co., 1940.
8. "Guide for Planning Recreation Parks in California". California Committee on Recreation, Park Areas and Facilities, Sacramento, Calif., 1956.
9. HAVIGHURST, Robert J. "Leisure Activities and the Socioeconomic Status of Children". In American Journal of Sociology, LIV (1949) 505 — 19.
10. HAVIGHURST, Robert J. "Developmental Tasks in Education". New York: Longman, Green, 1952.
11. HUIZINGA, Johan. "Homo Ludens, el Juego y la Cultura". (Trad.) Mexico: Fondo de Cultura Econômica, 1943.
12. "Kinderspielplätze". Munchen: Georg. D. W. Callway, 1958.
13. LOEB, Harold. "Life in a Technocracy": New York: Viking Press, 1933.
14. MEAD, Margaret e RHODA MÉTRAUX. "The Study of Cultures at a Distance". Chicago. Univ. Of. Chicago Press, 1953.
15. Nations' Council on School House Construction... "Guide for Planning School Plants". Nashville: The Council, 1951.